

CARTOGRAFIAS EM DESIGN DAS CIDADES IRMÃS AVEIRO E PELOTAS

*CARTOGRAPHIES IN DESIGN
OF CITIES SISTERS AVEIRO AND PELOTAS*

Lúcia Bergamaschi Costa Weymar

Doutora/UFPEL

luciaweymar@gmail.com

RESUMO

Nem sempre acordos de gemação entre cidades refletem irmandades verdadeiras. Após pesquisa na área de design gráfico baseada nas cartografias das cidades-irmãs Aveiro, em Portugal, e Pelotas, no Brasil, são percebidos certos elementos de cariz identitário que as afastam, mas, também, e sobretudo, outros que as aproximam. Revelá-los, sob o ponto de vista da etnografia, é a principal intenção deste ensaio, que transita entre o cultural, o científico e o literário, e que se vincula a estágio pós-doutoral realizado durante os anos 2018 e 2019 na Universidade de Lisboa. Os resultados teóricos, categorizados, juntamente com as imagens fotográficas de nossa autoria, contribuíram para a criação dos conceitos “gemelaridades acordadas” e “gemelaridades imaginadas”, e correspondem a um capítulo do livro Lusitanidades, Design de Viagem, Viagem no Design, publicado recentemente pela Editora UFPEL.

Palavras-chave: Cartografia. Design. Etnografia. Cidades irmãs. Aveiro e Pelotas.

ABSTRACT

Town twinning agreements do not always reflect true brotherhoods. After researching in the area of graphic design based on the cartographies of the sister cities of Aveiro, in Portugal, and Pelotas, in Brazil, certain elements of an identity nature are perceived that distance them, but also, and above all, others that bring them closer together. Revealing them, from the point of view of ethnography, is the main intention of this essay, which moves between the cultural, the scientific and the literary, and which is linked to a post-doctoral internship carried out during 2018 and 2019 at the University of Lisbon. The categorized theoretical results, together with the photographic images of our authorship, contributed to the creation of the concepts "awakened twins" and "imagined twins", and corresponding to a chapter in the book Lusitanities, Design of Travel, Travel in Design, published recently by Editora UFPEL.

Keywords: Cartography. Design. Ethnography. Sister cities. Aveiro and Pelotas.

Introdução

Apenas Orieva é digna de Satolep, apenas Satolep é digna de Orieva.

Acordos de irmandade entre duas cidades ou lugares são protocolos que criam laços de cooperação. Neles, elos econômicos e culturais são formalizados. Convenções e tratados, estabelecidos. Na maioria dos casos não passam de arranjos de *marketing* promovidos pelo gestor do momento. Em alguns, entretanto, cidades irmãs – *sister cities*, cidades gêmeas ou cidades geminadas –, têm pontos em comum: geografias, histórias, culturas e economias semelhantes; relações humanas empáticas. Pactos de geminação avizinham as diferenças e renovam as semelhanças. São irmandades socialmente construídas e não naturais; grandes famílias de irmãs não biológicas sem paternidade nem núcleo: rizomáticas.

Em uma rápida pesquisa na internet geminações entre cidades de Portugal e do Brasil são facilmente encontradas. Acordos ligam as capitais Lisboa e Brasília. E Lisboa mantém, igualmente, laços de cooperação com Fortaleza, Natal, Rio de Janeiro, Salvador, São Paulo e Curitiba. No interior de Portugal, Coimbra, Leiria, Funchal, Póvoa de Varzim e Gois são também irmãs de São Paulo; e Coimbra, Guimarães, Espinho, Olhão, Santo Tirso, Vila Nova de Gaia e Cabeceiras de Basto são irmãs do Rio de Janeiro. Guimarães é irmã de Londrina. Coimbra, de Curitiba. Cascais é irmã de Salvador e de Campinas; e o Porto, de Recife e de Florianópolis (que também o é de Praia da Vitória, Ponta Delgada e Angra do Heroísmo). Horta e Portalegre têm acordo com Porto Alegre. Viana do Castelo com Itajaí, Porto Seguro, Igarassu, Cabedelo, Alagoas, Viana e Rio de Janeiro. Caldas da Rainha é irmã de Poços de Caldas e de Santo Amaro da Imperatriz. Santarém, de São Vicente. Águeda é irmã de Rio Grande. Aveiro, de Pelotas.

Algumas das “gemelaridades acordadas”, por nós já cartografadas sob o ponto de vista do design gráfico, – como Lisboa com Rio de Janeiro (ou Brasília, Salvador, São Paulo ou Curitiba); Águeda e Rio Grande; Porto e Florianópolis; Guimarães com Rio de Janeiro (ou Londrina); Braga e Rio de Janeiro; Viana do Castelo com Itajaí (ou Rio de Janeiro); Póvoa de Varzim e São Paulo; Coimbra com São Paulo (ou Rio de Janeiro ou Curitiba); Cascais e Salvador –, serão investigadas em pesquisas futuras acerca de design bem como de arte.

Por outro lado, este olhar de designers e de artistas inspirado na etnografia poderá estabelecer novas irmandades. “Gemelaridades imaginadas”, diríamos. As transgressões não objetivam polemizar como exercício academicista, mas ampliar, pela escrita e pelo design, parcerias e amizades culturais, sororidades e fraternidades territoriais.

Dito isto, merece inicial atenção a relação entre as cidades irmãs Aveiro e Pelotas haja vista o lugar, físico e subjetivo, em que nos situamos enquanto autores de escrita sobre design. Revelar, pois, pontos que as afastam e pontos que as aproximam é a principal intenção deste ensaio que transita entre o cultural, o científico e o literário. Para tal, outras intenções se descortinam:

Como a cartografia de viés etnográfico pode auxiliar uma pesquisa sobre design, de caráter autoral? E porque a contextualizamos no âmbito do design de autor? Quais são as semelhanças e diferenças entre duas cidades? O que as afasta e o que as aproxima? Como transformar tais resultados em questões de design?

Em um movimento trans pesquisas como essa transpassam áreas transversais em direção ao que se entende por design autoral. Nossas pesquisas recentes partem e se direcionam à dimensão estética do design, a um design que, autoiniciado ou não, aposta que poetizar também pode ser solucionar problemas. Ou que solucionar problemas pode ser poetizar. Acreditamos que ao associar a poética ao design realiza-se a condição de ser do designer (PROVIDÊNCIA, 2018), pois ele cria e faz – e cria e faz a partir do outro.

A expressão das ideias é o maior desígnio desta pesquisa; ideias expressas através da experimentação, da invenção e do engenho ligadas às mídias do design. Não escrevemos nem fazemos design a partir de uma demanda externa como frequentemente se dão as questões em design. A demanda é interna. Nós mesmos criamos os problemas que resultam em ideias; e os criamos pela experiência transdisciplinar, transpassando áreas como etnografia, história, geografia, dentre outros campos do conhecimento. Assim sendo, os textos e as imagens do livro *Lusitanidades* (WEYMAR, 2020), a pesquisa teórico-prática maior a qual esse ensaio se vincula, são, mais do que destino, percurso.

1. A cartografia como desenho de mapas e como método de pesquisa

Toda cartografia (do grego, “escrita do mapa”) seja desenho de mapas seja método de pesquisa refere-se a deslocamentos; e a imersão na cultura do outro se dá a partir de variados modos de deslocar-se: seja através de viagens seja de recolha e ou de empatia.

Corporeamente, viajamos, observamos e coletamos, perguntamos e ouvimos, escrevemos diários de campo e fotografamos; depois retornamos, reescrevemos, desenhamos e projetamos. Deslocamo-nos, ainda, sem sair do lugar; um deslocar-se não físico que observa

outras realidades a partir da nossa em um confronto entre o próximo e o distante que se dá, também, a partir do pensamento.

Como essa escrita se pretende científica o pensamento entra novamente em movimento para realizar a triangulação dos dados coletados; um caminho que dá segurança à validação da pesquisa. Para Denzin e Lincoln (2006, p. 19) o “uso de múltiplos métodos, ou da triangulação, reflete uma tentativa de assegurar uma compreensão em profundidade do fenômeno em questão”. Termo oriundo da navegação e da topografia a triangulação é uma alternativa que associa variadas práticas metodológicas (no caso, gravações de entrevistas, anotações de campo, fotografias, observação participante e revisão bibliográfica) a fim de confirmar as percepções dos pesquisadores. Usá-la enriquece e complexifica este ensaio.

O cruzamento de práticas, isto é, a combinação de técnicas etnográficas, permite a poética expressão das ideias (o viés literário do ensaio) a partir de inferências bastante lógicas e objetivas (o viés científico do ensaio) e de interpretações empáticas dos relatos sobre os signos culturais observados e coletados (o viés cultural do ensaio).

A metáfora da cartografia proposta por Sueli Rolnik (1989, p.15) parece-nos bastante adequada: “para os geógrafos, a cartografia – diferentemente do mapa: representação de um todo estático – é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem”. Deste modo, um duplo desafio se estabelece nesta investigação, ou seja, ao se utilizar da cartografia enquanto método de pesquisa – aberto às transformações ocasionadas por variados modos de deslocar-se – objetivamos em breve dar sequência, pelo método projetual, a poéticas ligadas ao design cartográfico nas quais o *mapa* da cidade não é necessariamente estático:

O mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a montagens de qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo numa parede, concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.13).

Na busca por outras maneiras de ver o mundo, e através da cartografia de viés etnográfico, vamos experimentando, desvelando territórios e a nós mesmos. Para Canclini (2007, p.143) “(...) fazer antropologia caracteriza-se, (...) pela tensão entre estar lá e estar aqui, pôr em relação o que é diferente com o que é próprio entendido como outra diferença”. Em alguns momentos misturamos o familiar ao estranho e a tensão gerada por esse exercício de

alteridade tem nos causado frustração ou tristeza (aquilo que DaMatta (1978) denomina “*anthropological blues*”).

Seria um despreparo científico incorporar tal sentimento à pesquisa? Sugerimos que não. Se a cartografia é um desenho que acompanha distintos movimentos, se as técnicas da etnografia são especulativas e se nesse tipo de pesquisa há tensão entre sujeitos e objetos, inferimos que todo sentimento é pensamento!

Aqui, as práticas da cartografia e da etnografia são complementos da pesquisa em um processo de interpretação experimental. São, acima de tudo, meios de coleta de informações e *insights* para nós mesmos, autores que, na busca por empatia com as cidades irmãs acordadas ou imaginadas, salvaguardamos as múltiplas vozes envolvidas. Afinal, a recolha cultural em Aveiro e Pelotas não acontece em busca de inovação centrada no usuário, como grande parte do design etnográfico atual faz supor, porque não é intenção dos deslocamentos e da imersão realizados. Pela imersão, buscamos apenas entender as culturas das duas cidades para, pela escrita e pelo decorrente design, expressá-las.

2. Cartografias de Aveiro e Pelotas: polaridades que afastam e aproximam

Esse ensaio é escrito após o deslocar-se corpóreo de ida a Portugal e de retorno ao Brasil. Neste novo deslocar-se, através do pensamento, interpretamos, reunimos e organizamos os dados coletados na forma de categorias; afinal, isolados, não são passíveis de interpretação. São temas que, mesmo independentes, possibilitam interrelações (DUARTE, 2005).

Iniciamos a viagem pelo interior continental português focados em acordos de irmandade. Descobrimos, por exemplo, que Paris e Roma são as únicas cidades que possuem um acordo exclusivo, ou seja, não têm laços de irmandade com outras: “Apenas Paris é digna de Roma, apenas Roma é digna de Paris”, teria sido proferido no acordo de gemação entre Paris e Roma em 30 de janeiro de 1956. Ao substituir as belas cidades pelos anagramas de Aveiro e Pelotas parodiamos o enunciado: Apenas Orieva é digna de Satolep, apenas Satolep é digna de Orieva! Naturalmente vem à lembrança o músico pelotense Vitor Ramil que populariza o anagrama Satolep na canção de mesmo nome, lançada por volta de 1984 no disco *A Paixão de V Segundo Ele Próprio*, para referir-se a uma cidade que não existe mais: “Muito antes das charqueadas/ Da invasão de Zeca Netto/ Eu existo em Satolep/ E nela serei pra sempre/ O nome de cada pedra...”.

Nos deslocamentos são percebidas polaridades entre Aveiro e Pelotas: cultura e natureza, história e geografia, apolíneo e dionisíaco... Entretanto, paradoxalmente, esses polos não só as afastam, muitas vezes as aproximam.

Açúcar e sal afastam e aproximam Aveiro e Pelotas: doces de ovos e pães doces, bacalhau e charque. Chovem cavacas em Aveiro e chove sangue em Pelotas. *Arquitetura e economia* afastam e aproximam Aveiro e Pelotas: Arte Nova ornamenta fachadas da burguesia aveirense enquanto que a burguesia pelotense vive aos moldes da Belle Époque. *Números* afastam e aproximam Aveiro e Pelotas: alguns se diferenciam e outros se repetem. *Águas* afastam e aproximam Aveiro e Pelotas: portos marítimos e fluviais; rias e rios, lagunas e arroios; moliceiros e pelotas!

2.1 Açúcar e sal afastam e aproximam

A histórica influência da doçaria em Aveiro contribui para o estabelecimento do acordo de geminação com Pelotas em 1996. Sabe-se que Aveiro produz doces finos, sobretudo do tipo ovos moles; muitas dessas receitas foram usadas pelos primeiros charqueadores de Pelotas e, hoje, esse tipo de doçaria é uma tradição também na cidade brasileira. As generosas porções de açúcar associadas à riqueza das gemas e à oleosidade das amêndoas fazem das centenárias receitas de doces de ovos – precisas, perfeitas, repetidas e pouco alteradas, o segredo de doces irresistíveis. Saboreá-los, aqui ou lá, pode ser mais do que sensorial; pode ser uma experiência emocional, quase dramática, pantagruélica (Fig.1).



Figura 1: Doce de ovos moles, Aveiro (2018). Fonte: Fotografia da autora

Naqueles anos do auge das charqueadas, lá pelos 1850, a cidade brasileira vivia seu apogeu de riqueza e sofisticação e, assim como enviava a Europa seus filhos afortunados da qual retornavam cultos e distanciados, enviava ao nordeste brasileiro a carne salgada através de navios que retornavam cheios do açúcar a ser misturado aos ovos. O sal para salgar a carne vinha de Portugal ou Espanha. Lá pelos 1780 o Brasil ainda não o produzia; e quem os salgava, ao contrário dos homens livres ligados à pecuária, eram os escravos rudemente tratados (a Capitania de Rio Grande, por aonde chegavam, era denominada “o inferno dos negros”). Do mesmo modo, as naus que passavam pelo porto de Aveiro dali levavam fôrmas de pão-de-açúcar, fôrmas cônicas de cerâmica que lembravam as do referido pão (e há quem diga que o Morro do Pão de Açúcar no Rio de Janeiro deva seu nome a elas), usadas como técnicas construtivas de paredes de alvenaria. Ao retornarem traziam açúcar.

Chovem cavacas em Aveiro e chove sangue em Pelotas? Em Aveiro, cavacas para pagar promessas são jogadas da cúpula da Capela de São Gonçalinho no dia do santo padroeiro, ou seja, doces cobertos de açúcar, alongados e duros são atirados às toneladas. Pegá-los ao ar em dia de chuva e frio previsíveis (afinal, o culto dá-se no dia 10 de janeiro), ou até mesmo com a ajuda de guarda-chuvas, é um espetáculo único. Em Pelotas, contam lendas urbanas que seu arroio, em cujas margens se localizavam as charqueadas, ficava com as águas contaminadas pelo sangue da produção do charque. Em um dia de forte ventania, quase um ciclone, as águas tingidas de vermelho teriam sido sugadas pelo vento e depois se precipitaram em forma de chuva de sangue.

Estendido sobre varais de paus roliços para secar ao sol, as imagens dionisíacas que temos do charque produzido em Pelotas lembram aquelas do nórdico bacalhau salgando em Aveiro. Cabeça retirada, corpo todo cortado deitado sobre redes expostas ao sol, acréscimo de sal no peixe. Como aquelas imagens da carne de rês estirada. São imagens ritualísticas de animais. Celebrativas.

Depois, domesticamente, demolhamos ambos.

2.2 Arquitetura, negócios e números afastam e aproximam

Na contramão, apolineamente, surge, em nossas caminhadas aveirenses, a arte. Logo à chegada, sem referencial algum, percebemos de relance uma marca tipográfica feita de ferro, em estilo Mackintosh de inspiração Art Nouveau, afixada na calçada da fachada dos fundos de um edifício que parece ser importante.

Esquecida dentre outros interesses só relembramos aquela marca quando da visita ao tal edifício, isto é, ao Museu Arte Nova, ou Casa do Major Pessoa, cuja fachada às margens do Canal Central é profusamente decorada com diferentes materiais nos quais impera uma harmoniosa inspiração floral (Fig.2). Lá, descobrimos que o patrimônio Arte Nova de Aveiro está entre os principais exemplos da história da arte internacional (Arte Nova é como Portugal denomina o estilo artístico conhecido por Art Nouveau no Brasil; Flower art, Modern Style e Liberty na Inglaterra; Stilo Floreale na Itália, e Jugendstil na Alemanha).



Figura 2: Museu Arte Nova, Aveiro (2018). Fonte: Fotografia da autora

Todavia não foi, como em outros países, uma tendência de transição da cultura para o futuro movimento moderno dos anos 1920. Segundo o livro Aveiro, Cidade dos Canais (2015), a Arte Nova em Aveiro – importada a partir de 1904 pelos ricos burgueses locais e pelos imigrantes brasileiros (os *torna-viagem*) – durou pouco e aparece em residências uni familiares associadas ao comércio. O estilo não afetava a volumetria dos imóveis e restringiu-se à modelação de superfícies, ou seja, à ornamentação em linhas curvas sinuosas de suas fachadas, com as cantarias e as serralharias decorativas, e com o azulejo aplicado de modo parcial ou total nas fachadas e produzido pel’A Fábrica da Fonte Nova, a mais importante indústria cerâmica da região no campo desta arte, responsável por muitos painéis azulejares.

Entretanto, o que nos interessa e que pode ligar a reflexão à cidade brasileira é pensar a Arte Nova, a partir do Dicionário Arte Nova (2011, p. 1), “Não só como estilo artístico, mas sobretudo como mentalidade estética, social, econômica, política e científica, que a partir da observação biológica encontra novas narrativas de sustentabilidade”.

Assim, a “mentalidade” desta época, marcada por profundas transformações culturais, muda o modo de viver o dia a dia não só da Europa, mas, também, de países como o Brasil, e de cidades como Pelotas. Tal espírito de tempo surge em nossos estudos através da Belle Époque, expressão em francês que significa bela época (afinal, neste período, as artes florescem na Paris ainda sacudida pelos ideais da Revolução Francesa e da Revolução Industrial). É um momento eufórico, desenvolvimentista, iluminado; momento de moda, de civilidade e de progresso, enfim, modernista. Segundo Marroni e Oliveira (2008), rapidamente essa mentalidade se instala em Pelotas haja vista suas boas relações com a Corte Imperial e com a própria Europa para onde viaja determinada classe uma vez que a cidade vivia seu apogeu econômico ao final do século XIX e início do XX graças ao charque.

Todavia, a importação do “novo” para um ambiente tradicional ruralista acaba por modelar a cidade ao estilo e aos costumes europeus o que talvez tenha lhe garantido as alcunhas de Princesa do Sul e, por ironia ou não, de A Pequena Paris. Assim como julgamos a Arte Nova em Aveiro como uma arte extremamente estética, harmônica e equilibrada, a Belle Époque pelotense também nos parece surgir apolínea, bela e ordeira, racionalmente moldada de modo a negar as forças locais.

Diferentemente de outras abordagens, segundo o Dicionário Arte Nova (2011), sugerimos que a Arte Nova em Aveiro assume uma polaridade mais apolínea e menos dionisíaca. Dionisíaca é a emoção crua, intensa e dramática. Dioniso, filho de Zeus e da mortal Sêmele, é o Deus do Vinho e das Festas, emocionalmente denso, representa a parte mais animal e imprevisível do ser humano. Já o apolíneo é o extremo da harmonia estética, da perfeição plástica, da beleza e do equilíbrio, da luz e da ordem da ordem. Apolo, filho de Zeus e Leto, é o Deus do Sol, da profecia e símbolo de inspiração artística.

Na esteira do polo recém descortinado – harmonioso e funcional –, descobrimos que, nos dias de hoje, o potencial de talento e empreendedorismo da cidade de Aveiro a faz ser conhecida como o Silicon Valley Português bem como a capacidade de inovação tecnológica de Pelotas a tem destacado no cenário do universo digital.

Em entrevista, Capão Felipe e Marques (2018), respectivamente presidente da Assembléia Municipal de Aveiro e assessora na Câmara Municipal, afirmam que, nos dias de hoje, os doces, as marinas de sal inativas no inverno e a larga produção cerâmica já não identificam a cidade a não ser sua própria história, e restam em seus museus. “Aveiro já teve trezentas marinas, agora tem seis; metade são eco museus e as três que produzem vendem o sal para restaurantes *gourmets*, para produtos de sabonetes com a flor do sal, etc.; ou seja, há uma reclassificação do uso do sal”. A Cidade dos Canais, também conhecida como a Veneza Portuguesa, é agora associada ao turismo – turismo de praias, de negócios e de congressos; à qualidade de vida; a tecnologias de informação, comunicações e telecomunicações; à indústria ID, de investigação e desenvolvimento; a setores que não só fabricam bem como investigam e desenvolvem. Realizada desde 1434 a anual Feira de Março atrai políticos pelotenses e a Feira Nacional do Doce, criada em 1986 em Pelotas e realizada anualmente no mês de junho, igualmente recebe representantes de Aveiro em seus *stands*.

A Universidade de Aveiro, por sua vez, foca em áreas empresariais e se relaciona com academias não tradicionais o que faz com que os resultados de sua investigação tenham “consequências no tecido social e econômico”, segundo Capão Felipe e Marques (2018).

Por sua vez, e apesar da vocação econômica de Pelotas ser o agronegócio e o comércio, CEOs de negócios ligados ao universo digital, como Paz (2012), consideram que a cidade, nos dias de hoje, é cenário e ambiente ideais para o desenvolvimento e excelência da área além de ser lugar onde o relacionamento entre empresas de *web design* e universidades locais garante talentos necessários à evolução. A cidade “conta com um amplo mercado de comunicação e *marketing*. Para reunir o setor, foi fundada em 2012 a Souwebpel, organização que reúne profissionais de tecnologia da informação e comunicação em Pelotas”, grupo responsável por lançamentos de mapas que mostram o ecossistema digital de inovação, tecnologia e empreendedorismo da cidade, conforme Merker (2016).

Duzentos e sessenta mil pessoas distanciam Aveiro da irmã brasileira Pelotas. Apesar de a cidade portuguesa ter uma população quatro vezes menor que a de Pelotas, se considerarmos o Distrito de Aveiro inteiro, do qual é capital, chegamos à mesma população da região sul do Rio Grande do Sul, no Rio Grande do Sul (RS), da qual Pelotas também é uma espécie de capital regional. Aveiro é a terceira cidade do país em indicadores sociais e

econômicos, após Lisboa e Porto; Pelotas é a nona do RS, estado brasileiro com população semelhante e com território três vezes maior do que o de Portugal. Um número ao redor de quinze mil alunos em suas principais universidades aproxima as duas cidades. A Universidade de Aveiro, datada de 1973, está dentre as cinco melhores de Portugal e 600 melhores do mundo, segundo o Ranking QS World University de 2019; a Universidade Federal de Pelotas, de 1969, classifica-se em terceiro lugar no RS e entre as vinte melhores do Brasil, segundo o Ranking Center for World University (CWUR); e entre as cinquenta melhores da América Latina, segundo o Ranking *The Times Higher Education*.

Seriam a importância histórica da Arte Nova e da Belle Époque, a contemporaneidade de seus negócios atuais e a robustez de seus números aquilo que Nietzsche denominaria como a polaridade apolínea de Aveiro e Pelotas? O pulsar solar, racional, urbano e luminoso, delas?

Seriam o sal e o açúcar, os doces e o charque, aquilo que Nietzsche denominaria como a polaridade dionisiaca das duas cidades? O pulsar noturno, instintivo, rural e ébrio, delas? Seria a consciência de este duplo pulsar o que as torna tão humanamente irmãs?

2.3 Águas afastam e aproximam

Açúcar e sal, arquitetura e negócios, números e cidades, são signos produzidos ao longo da história pelas mãos ou pelo pensamento de mulheres e homens. São frutos da cultura. Podem afastar ou aproximar pessoas e coisas, podem ser identitários ou podem buscar a alteridade. Porém, existem signos que são geográficos e não históricos. Que igualmente afastam e aproximam, e que geram ou não irmandades. São frutos da natureza.

Importante porto atual, e o porto com maior número de naus no século XVI, “(...) tínhamos o sal, o frigorífico da altura”, segundo Capão Felipe e Marques (2018), o porto de Aveiro hoje cresce àquela exponencialidade. Aveiro é rodeada de água do Atlântico Norte. E toda essa água, e todas as consequências dessa água, ajudam também a desenhar, aos olhos desta pesquisa, sua irmandade com Pelotas. Ao contrário de Aveiro, o porto de Pelotas é flúvio-lacustre. Porém, de acordo com o *site* “Toponímia galego-portuguesa e brasileira”:

(...) a vizinha cidade de Aveiro, lingüística e semanticamente aparentada, usurpou o nome do porto, pois que o porto é pertença do município de Ílhavo; e o da “ria”, que, embora tenha por nome “Ria de Aveiro”, se expande pelos municípios de Ovar, Estarreja, Murtosa, Aveiro, Ílhavo, Vagos e Mira.

Não somente o sal ou o açúcar, ou a contagem de gentes ou de negócios. Não tanto as velhas escolas Arte Nova ou Belle Époque, da Veneza Portuguesa ou d’A Pequena Paris. Não somente as novas profissões *high tech* de uma ou outra. Não somente a cultura afasta e aproxima as duas cidades. Mas também a água. O mapa da água.

O topônimo latino *Averius* vem do étimo céltico *aber* que significa “embocadura de rio” (ainda hoje comum no País de Gales, considere-se, por exemplo, Aberystwyth) enquanto que o topônimo Pelotas tem origem nas pelotas, embarcações de apenas um lugar feitas de varas de corticeira, forradas de couro e folhas, e usadas para atravessar rios à época das charqueadas. Ambos os nomes se relacionam com a água seja de modo natural e geográfico seja de modo cultural e histórico.

Embocadura de rio, ou foz de rio, é o que acontece na geomorfologia de Aveiro; não é o mesmo que desembocadura, igualmente conhecida como foz, e associada ao deságue de águas de um rio em outro rio, lago ou oceano. Em Aveiro, há uma espécie de entrada de rio, e não seu desaguadouro. Seria um braço do mar que entra sobre a terra e cujas águas são salobras. A isso dão o nome de *ria*.

Esse rio feminizado foi homenageado por Caetano Veloso com a música Menina da Ria (“Uma moça/ De lá do outro lado da poça/ Numa aparição transatlântica/ Me encheu de elegante alegria/ (Ai, Portugal, ovos moles, Aveiro)/ Menina da Ria/ Menina da Ria/ Menina da Ria”). É uma óbvia alusão a Menino do Rio, composta trinta anos antes (“Menino do Rio/ Calor que provoca arrepio/ Dragão/ tatuado no braço/ Calção corpo aberto no espaço/ Coração, de eterno flerte/ Adoro ver-te.../ Menino vadio/ Tensão flutuante do Rio/ Eu canto prá Deus/ Proteger-te...”). As duas canções, presentes respectivamente nos discos Zii e Zie, lançado em 2009, e Cinema Transcendental, de 1979, remetem às gentes que vivem na “Ria” de Aveiro e no “Rio” de Janeiro; remetem a verões, corpos, alegria e desejo, enfim, às águas trans que atravessam o Atlântico.

E é lá, ao sul do Rio, onde todas essas águas se misturam (águas amnióticas?) que nasce a cidade irmã de Aveiro – geminada, bivitelina, fraterna: Pelotas!

A cidade de Pelotas encontra-se às margens do Canal São Gonçalo. O São Gonçalo, um canal e não um rio porque suas águas não correm naturalmente no mesmo sentido, faz a ligação entre a Lagoa Mirim a Lagoa dos Patos, a maior da América Latina. Conhecida pelos pelotenses como Mar de Dentro, a Lagoa dos Patos é, na realidade, uma laguna porque tem comunicação direta com o oceano. Ao final do canal, neste mapa mental, desemboca o

Arroio Pelotas que desde 2003, segundo o Projeto de lei nº 265 (2002) integra o Patrimônio Cultural do Estado do Rio Grande do Sul e no qual negros e índios, embarcados em pelotas, atravessavam suas margens mais estreitas. A desembocadura da Lagoa dos Patos localiza-se ao sul, perto de Pelotas; ali se dá a transição do ambiente aquático entre esta laguna e o mar, o Oceano Atlântico. A geomorfologia da região permite que em certas épocas do ano, de chuvas escassas, o nível da Lagoa dos Patos baixe e que o mar avance. A lagoa que vira mar entra no Canal São Gonçalo e no Arroio Pelotas e as águas deles salgam porque estão perto da boca do oceano. Não são mais águas doces ou frescas, nem tão salgadas como as do mar. São salobras.

Águas salobras, doces e salgadas afastam e aproximam Aveiro e Pelotas (o açúcar e o sal, novamente). Águas são fruto da natureza, e não da cultura. São geografia, e não história. Não são Apolo e Dioniso, mas Poseidon. Poseidon, o rei dos mares, de temperamento difícil e vingativo, é cultuado pelos navegantes pois tem poder sobre todas as águas. Filho de Cronos e Reia, Poseidon é irmão de Zeus que é pai de Apolo e Dioniso com diferentes mulheres. Fraternidades e irmandades, novamente.

Como consequência de todas estas águas mulheres e homens fabricam modos de ser e produzem objetos culturais e históricos como as embarcações do tipo moliceiros e pelotas (estas, já não mais usadas, só existem enquanto peça de exposição ou encenação; aqueles, apesar de não mais utilizados na pesca da alga do tipo moliça seguem existindo com uso turístico nas rias de Aveiro) (Fig.3).

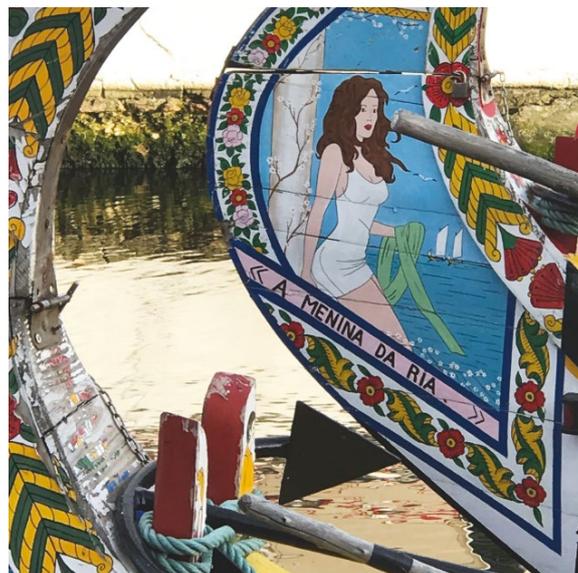


Figura 3: Detalhe de moliceiro em ria, Aveiro (2018). Fonte: Fotografia da autora

Fabricação de modos de ser? Sim. Em Aveiro, marnotos e as salineiras, cagaréus e ceboleiros. Em Pelotas, charqueadores e escravos, marinheiros e pescadores.

O Marnoto é o homem responsável pela extração do sal artesanal com a utilização de alfaías de madeira. Inicialmente começavam como moços e, com experiência, tornavam-se marnotos capazes de explorar sozinhos uma marinha de sal. (...) O seu trabalho é árduo, pois encher e remexer os tabuleiros com água nova, quebrar e puxar o sal e ainda carregá-lo em canastras pesadas sob a cabeça, são tarefas que exigem grande esforço físico. Esta profissão, que existe desde 959, entrou em vias de extinção (...). (O MARNOTO, s/d).

A Salineira tem a árdua tarefa de transportar o sal em canastras de vime (65 – 70 kg), do barco para os armazéns. Usa saia garrida comprida e blusa de motivos claros, com rendas nas mangas. Por cima da saia, um avental de serguilha e, sobre a blusa, um xaile colorido, de franjas longas, traçado da esquerda para a direita. Normalmente, anda descalça ou calça chinelas pretas envernizadas, enquanto que na cabeça usa um chapéu de aba larga arqueada, onde prende um lenço de lã, também garrido. Estas personagens praticamente já só pertencem ao passado e tiveram apenas razão de existir inseridas num meio próprio, por sua vez, indissociável das mesmas. Ou seja, quando se fala no Marnoto e na Salineira vêm-nos à memória também as salinas, a água, o sol, o Barco Moliceiro e os palheiros típicos da Costa Nova (...). (AO MARNOTO..., s/d).

Outra figura etnográfica, portanto, que caracteriza a cidade é o cagaréu (...) – e a mulher cagaré – e o porquê dessa designação (...) todos que passavam a vida no barco tinham que fazer suas necessidades fisiológicas, então tinham que arregaçar seu calçanzito e iam até a ré, que é a parte de trás do barco, faziam as suas necessidades à ré (a figura dessa personagem é mesmo de cócoras com o calçanzito baixo (...)). (OLIVEIRA, 2018).

A “rivalidade” entre Ceboleiros e Cagaréus faz parte da história de Aveiro. Os primeiros, os da antiga Freguesia da Glória (a Sul do canal Central), eram os da zona nobre da cidade, e os segundos, da Vera Cruz (a Norte do Canal Central), os do popular bairro da Beira Mar, povoada maioritariamente por pescadores e marnotos. (CEBOLEIROS..., s/d)

Considerações Finais

Em nossos deslocamentos velhas cartografias foram descobertas e novas, construídas. Mapas geográficos foram retomados e seus percursos históricos refeitos; saberes e fazeres, recolhidos etnograficamente e reassociados; objetos culturais, aprofundados, e elementos naturais, explorados.

O método cartográfico, de perspectiva etnográfica, deu a conhecer aquilo que já existia em Aveiro e em Pelotas rearranjando-o em forma de polaridades apolíneas e dionisiacas. Elaboramos questões de design ao abrir-nos a perguntas.

Os resultados, categorizados, de modo geral, em cultura/natureza e em história/geografia e, de modo específico, em açúcar, sal, arquitetura, negócios, números e

água, passam a ser o motivo condutor dos cartazes de mapas a serem posteriormente projetados sobre estas belas cidades irmãs, afastando-as e aproximando-as.

Às vezes se lê que a arte questiona e o design soluciona. Por discordar de enunciados como este optamos por escritas trans, mestiças, escorregadias (há outro modo de revelar o velado?). Por defendermos que o design não é apenas prestação de serviço pesquisamos o design dito de autor (autoiniciado, mas baseado em dados de verdade). Por interessarmo-nos pela dimensão estética do design investigamos a expressão das ideias (e quem cria e faz).

Açúcar, sal, arquitetura, negócios, números e água são citados como pontos que afastam e pontos que aproximam Aveiro e Pelotas. Há outros. São muitos os pontos que as associam ou não, pois múltiplos são os pontos de vista. Poderíamos, por exemplo, ter citado a proximidade geográfica e histórica de ambas com Águeda e Rio Grande, também cidades irmãs. Poderíamos, igualmente, ter descrito outros acordos de geminação que Aveiro e Pelotas possuem, como o de Pelotas com a cidade uruguaia de Colônia do Sacramento, uma ex-colônia portuguesa, por exemplo. Mas não, desde a criação daquela epígrafe consideramos que apenas uma é digna da outra, e vice versa. E isso foi uma decisão arbitrária.

A sororidade entre as duas nos basta.

REFERÊNCIAS

Livros

AVEIRO, CIDADE DOS CANAIS. Câmara Municipal de Aveiro (Ed.). Câmara Municipal de Aveiro (Coord.). 2ª Ed. Aveiro: FIG- Indústrias Gráficas, SA, 2015. 111p

CANCLINI, Néstor García. **Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade**. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2007.

DaMATTA, Roberto. **O ofício do etnólogo, ou como ter anthropological blues**. Boletim do Museu Nacional, nº 27, 1978.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Rizoma*. In DELEUZE e GUATTARI, **Mil Platôs**, vol.1. Rio de Janeiro: Ed.34, 1995.

DICIONÁRIO ARTE NOVA. Câmara Municipal de Aveiro (Ed.). Museu da Cidade de Aveiro (Coord.). Aveiro: Tecniforma, 2011. 132p

DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y.S. **O planejamento da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre, Penso, 2006.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.), **Métodos e técnicas da pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 62-83.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental: Transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Liberdade, 1989.

Teses ou Dissertações

MARRONI, Fabiane Villela; OLIVEIRA, Ana Claudia Mei Alves de. **Pelotas (re) vista: a Belle Époque da cidade através da mídia impressa**. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica) - Programa de Pós Graduação em Comunicação e Semiótica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/5047/>>. Acesso em: 01.06.2021.

WEYMAR, Lúcia Bergamaschi Costa. **Lusitanidades, Design de Viagem, Viagem no Design**. Disponível em: <<http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/6667/>>. Acesso em: 01.06.2021.

Revistas ou Periódicos

MERKER, Júlia. (2016). **Possible acquire a Conrad Caine**. Disponível em: <<https://www.baguete.com.br/noticias/29/01/2016/possible-acquire-a-conrad-caine>>. Acesso em: 26.07.2018.

PAZ, Cesar. **AG2: R\$ 1 milhão em Pelotas**. Disponível em: <<https://www.baguete.com.br/noticias/internet/09/04/2012/ag2-r-1-milhao-em-pelotas>>. Acesso em: 26.07.2018.

PROJETO de lei nº 265/2002 do Deputado Bernardo de Souza. 17/02/2003. Consultado em Agosto, 1, 2018, em <http://twixar.me/L5w1>

PROVIDÊNCIA, Francisco. Um ser imaginado: a identidade dos lugares como influência estereotipada. **ARTEC 23**, Génese, Simpósio de Design e Artes Gráficas da Escola Superior de Tecnologia de Tomar, Instituto Politécnico de Tomar, 17,18 e 19 de abril de 2013.

Sites

Ao marnoto à salineira. Disponível em: <http://www.cm-aveiro.pt/pages/740?poi_id>. Acesso em: 11. 01.2019.

Ceboleiros desde 2001. Disponível em: <<http://aveironosso.pt/2017/11/17/ceboleiros/>>. Acesso em: 10.01.2020.

O marnoto. Disponível em: <<https://salinasaveiro.com/o-marnoto/>>. Acesso em: 11.01.2019.

Toponímia galego-portuguesa e brasileira. Disponível em: <<http://toponimialusitana.blogspot.com/2006/10/as-gafanhas.html>>. Acesso em: 11.01.2019.

Entrevistas concedidas

CAPÃO FELIPE, Luís Miguel; MARQUES, Gabriela Mota. Entrevista semi aberta sobre Aveiro. Aveiro, Portugal, maio de 2018.

OLIVEIRA; Ana, Entrevista semi aberta sobre Aveiro. Aveiro, Portugal, maio de 2018.